

Contra Tempos¹

Bruna Ribeiro Farias MANISCALCO²

Carla Miskulin FIGUEIREDO³

Naya Lobo WHITAKER⁴

Thaís Moura BARCELO⁵

Dr.^a. Denise Cristine Paiero⁶

Universidade Presbiteriana Mackenzie - Centro de Comunicação e Letras, São Paulo, SP.

RESUMO

A cultura, criada pelo homem, tem diversos símbolos para validar e dar sentido a uma sociedade que se modifica a todo momento. Dentre as convenções mais importantes, está o tempo. O documentário “Contra Tempos” é uma peça audiovisual jornalística que retrata como sete personagens percebem a passagem do tempo em suas rotinas, relacionando esta concepção à ocupação exercida por cada um. A narrativa é construída por meio da intersecção de diálogos fundamentados em uma pesquisa bibliográfica que tem como tema “A percepção do tempo pelo homem na sociedade contemporânea”. A produção, com imagens e trilhas poéticas reflexivas, é também resultado de estudos sobre a linguagem do documentário e os principais autores relacionados à pesquisa pelo campo da semiótica.

PALAVRAS-CHAVE: tempo; cultura; percepção; mídia; documentário.

1 INTRODUÇÃO

O conceito documentário está dentro de um horizonte de possibilidades e enfoques de difícil definição. Demarcar as fronteiras desse gênero narrativo se torna uma tarefa

¹ Trabalho submetido ao XXI Prêmio Expocom 2014, na Categoria Projeto Produção laboratorial em videojornalismo e telejornalismo, modalidade Produção laboratorial em videojornalismo e telejornalismo (avulso/ conjunto ou série).

² Aluna líder e recém-graduada no Curso Comunicação Social – Habilitação: Jornalismo, email: brunamaniscalco@gmail.com

³ Recém-graduada no Curso Comunicação Social – Habilitação: Jornalismo, email: carlamiskulin@hotmail.com

⁴ Recém-graduada no Curso Comunicação Social – Habilitação: Jornalismo, email: nayawhitaker@hotmail.com

⁵ Recém-graduada no Curso Comunicação Social – Habilitação: Jornalismo, email: thaisa.barcelo@gmail.com

⁶ Orientador do trabalho. Professor do Curso Comunicação Social – Habilitação: Jornalismo, email: denise@mackenzie.br

complexa devido à flexibilidade – mas não inexistência – e peculiaridades do modo de produção, da narração, da estética, dos objetivos e, principalmente, de sua relação direta com a história e a realidade. Segundo Ramos (2008), os documentários não são feitos para entreter como um filme ficcional, mas para estabelecer asserções sobre o mundo que é mostrado na tela.

De acordo com Zandonade e Fagundes (2003), o videodocumentário se caracteriza por apresentar determinado acontecimento ou fato, mostrando a realidade de maneira mais ampla e pela sua extensão interpretativa. A função do documentário é reconhecida, com unanimidade, pelos documentaristas, que acreditam no objetivo de estabelecer um elo entre os receptores da mensagem transmitida e o realizador da obra, de forma a permitir uma empatia capaz de proporcionar uma reflexão sobre os fatos cotidianos que lhes cercam.

Em busca desta reflexão, “Contra Tempos” procurou retratar histórias de sujeitos sociais por meio de duas linguagens documentais, caracterizadas por Nichols (2005): expositiva, a qual agrupa fragmentos do mundo histórico numa estrutura mais retórica ou argumentativa; e reflexiva, que tem o intuito de aumentar a consciência dos problemas pela representação do outro, assim como convencer da autenticidade ou da veracidade da própria representação.

A peça, então, se fundamentou no levantamento bibliográfico baseado no tema “A percepção do tempo pelo homem na sociedade contemporânea” que trata sobre o tempo, sua percepção e relações com valor e mídia. O estudo se deu a partir do pensamento de Schöpke (2010), que afirma que o tempo é uma dimensão na qual estamos inseridos desde que nascemos e o que melhor nos define como seres humanos, pois, sem essa ideia norteadora o homem não poderia projetar o futuro e nem olhar para o passado.

Sua passagem pode ser sentida de diversas maneiras: natural (como o dia e a noite, o envelhecimento) ou em padronizações, como os fusos horários que classificam para locais distintos um registro de tempo diferente.

Na era pré-Industrial, antecedente ao século XVII, a cronologia dos acontecimentos sociais era diretamente relacionada aos fenômenos naturais. Sintetizador, o tempo era medido através das sensações fisiológicas, naturais e subjetivas. Com a criação de aparatos medidores e os sucessivos calendários de cada cultura, esse tempo passa, então, a ser

objetivizado e categorizado. Foi desenvolvida, assim, uma concepção de comportamento baseada na imposição do tempo sobre os deveres (*devoir*) cotidianos, a qual estabelece uma adaptação do corpo biológico com as ações externas a ele (ELIAS, 1998).

Assim, uma das dificuldades do homem contemporâneo é o desafio de se encontrar no tempo. O número de atividades desenvolvidas e/ou informações ao seu redor (principalmente com a era digital) é tão grande que, muitas vezes, perde-se a sensação do próprio sujeito dentro dessa complexidade. Este fenômeno, mencionado por Baitello Jr (2005, p. 43), é a *perda do presente*, em que o homem não vive o tempo atual por permanecer em um estado de projeção constante do futuro e lembrança do passado.

2 OBJETIVO

O presente documentário tem como objetivo gerar uma reflexão por parte dos espectadores sobre as implicações da relação homem-tempo que, em alguns momentos, passa despercebida. Além de expor a construção do ideal de tempo e seus efeitos na sociedade – presente nas próprias falas conflituosas dos personagens, ao serem indagados sobre o tempo – busca-se, também, aproveitar os recursos da linguagem documental para melhor recepção poética e reflexiva do conteúdo da produção.

3 JUSTIFICATIVA

Optou-se pela produção de um videodocumentário devido à necessidade de “concretizar” a temática abstrata “A percepção do tempo pelo homem na sociedade contemporânea” em um produto jornalístico que, por sua vez, possibilitasse que a história de cada personagem fosse contada e, a partir delas, a narrativa sobre uma percepção social do tempo se construísse.

A escolha do tema se deu por existir uma percepção geral de tempo, a qual, muitas vezes, regulada pela mídia, interfere diretamente no cotidiano de cada um, gerando conflitos que não são entendidos, justamente pelas pessoas estarem inseridas numa lógica temporal que, também, não oferece espaço para refletir.

Por isso, justifica-se investigar e expor, pela linguagem do documentário, como a relação ‘homem e tempo’ se dá, uma vez que a percepção de tempo fisiológica é minimizada pela importância que se dá ao relógio.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

A ideia de utilizar a temática do tempo para o desenvolvimento de um documentário foi influenciada pelo filme estadunidense *O Preço do Amanhã*, de 2011. Apesar do apelo comercial, a obra dirigida por Andrew Niccol traz em sua principal reflexão o questionamento do tempo como moeda de troca. Aos 25 anos, os personagens param de envelhecer e o medidor de vida passa a ser um cronômetro que cada um possui no braço. Se o contador de tempo zerar, a vida chegou ao fim. Então, para se manter vivos, trabalham, trocam, apostam e vendem essa “moeda” de troca (horas, minutos e segundos) para conseguir mais tempo de existência.

As evidências do tempo como moldador da vida das pessoas e como o centro dos principais conflitos entre os personagens incentivou a pesquisa sobre o tema e busca, de forma não comercial, de uma maneira de representá-lo.

Foi, então, levantado e desenvolvido um denso referencial teórico para embasar as discussões e a realização da peça, destacando os principais autores ligados à temática do tempo, cultura e sociedade, dentro da semiótica. Como fio condutor do pensamento, Norbert Elias é o autor mais próximo das discussões, pelas ideias de percepção do tempo e seu desenvolvimento ao longo da sociedade.

Na busca por realizar um videodocumentário que não seguisse uma narrativa cronológica, que pudesse ser óbvia ou facilmente captada, a leitura do livro de Sérgio Pripas - que reúne vários outros autores - incentivou a abordagem do relacionamento fragmentado do indivíduo com o tempo moderno e a influência do meio social.

Já os conceitos semióticos de Norval Baitello Jr. direcionaram desde o início o pensamento sobre o tempo dentro da cultura e como esta cria o seu próprio padrão, já que o tempo é uma operação simbólica. Nicolau Sevcenko contribuiu muito para complementar e pontuar como tal percepção está sempre vulnerável aos estímulos externos que rondam o homem contemporâneo - ideia discutida, ainda, pela teoria de Muniz Sodré sobre o valor do tempo e sua influência na sociedade.

Vale ainda frisar a importância dos autores: Alfredo Bosi, e sua consideração de tempo e informação, e Milton Santos, com os conceitos de sociedade, globalização e

industrialização. Como também a leitura complementar fundamental dos livros e textos de Jeremy Rifkin, Vicente Romano, Gerard Lebrun, Michael Foucault e Priscila Silva, os quais foram essenciais, respectivamente, sobre a valorização do tempo e a aceleração das vivências culturais; a padronização das relações sociais e de trabalho; a ideia de politização do homem (educação) e sua formação no molde cultural do tempo e produção; o capital e a quantificação financeira da temporalidade, além do homem como ser viajante nos conceitos de consumo e experiência.

E sobre a relação moderna do tempo e da mídia, Carlos Franciscato, Norval Baitello Jr e Milton Pelegrini evidenciaram o tempo midiático como parte reguladora da sociedade, por meio da aceleração do fluxo de produção de notícias e informações globalizadas. Complementando alguns conceitos desta relação, também os autores Francisco Karam, Edson Dalmonte e Juremir Silva.

Dessa forma, a partir das leituras e união de ideias dos autores pesquisados, chegou-se à conclusão de que a principal abordagem deveria ter como fio condutor as ocupações e relações individuais de cada um dos entrevistados.

As personagens escolhidas foram: um escritor, representando o tempo lento da escrita e da criatividade; um jornalista, que vive o tempo frenético da redação, da correria e da notícia em primeira mão; um esportista, que tem uma relação direta de disputa com o relógio; um operário, que representa o tempo da máquina; um físico, que pudesse explicar de forma mais concreta o que o tempo significa; um relojoeiro, representando a pessoa que conserta o principal meio de controle e ordenação social e, por fim, uma senhora aposentada, simbolizando o tempo que já passou.

Durante as entrevistas percebeu-se, empiricamente, o quanto o período despendido para exercer o trabalho é, com toda a certeza, a principal ocupação que caracteriza os sujeitos na sociedade atual, uma atividade que pauta a compreensão da passagem do tempo nas convencionadas 24 horas do dia.

Os autores Fernão Pessoa Ramos, Bill Nichols, Vanessa Zandonade, Maria Cristina de Jesus Fagundes, Mariana Ferreira Lopes e Amir Labaki foram essenciais para orientação sobre a linguagem do documentário.

Optou-se por realizar, então, um documentário expositivo e reflexivo que, a partir da estética e do sensível, mostrasse de uma forma intimista as personagens inseridas dentro de um sistema social contemporâneo regulado por um tempo geral. Com isso, a intenção foi construir uma narrativa amarrada por meio da rotina destas diferentes pessoas, que dialogam com um mesmo mundo de forma individual. A meta foi ouvi-los, acima de tudo, e, quando necessário, questioná-los sobre alguns pontos críticos, que muitas vezes são encobertos – de forma despercebida – pelo ritmo da rotina social.

Para ter referências em parâmetros narrativo e estético, foi importante assistir uma série de videodocumentários. São eles: *Quem se importa*, da diretora Mara Mourão; *A pessoa é para o que nasce*, com direção de Roberto Berliner; *Santiago*, de João Moreira Salles; *Nós que aqui estamos por vós esperamos*, de Marcelo Masagão; e *Jogo de Cena*, de Eduardo Coutinho.

Uma produção, em especial, foi destacada: *Janela da Alma*, de João Jardim e Walter Carvalho. Este longa foi o que mais se aproximou do objetivo estético de “Contra Tempos”, devido ao auxílio de imagens de apoio, silêncios, *blacks* e trilhas sonoras poéticas. Dessa forma, foram priorizadas, ao máximo, a produção de cenas mais específicas, com atenção aos detalhes, ao silêncio, ao período de reflexão e com a humanização e valorização do ser humano.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

Para a execução do vídeo, utilizou-se a câmera *Sony HDCam* fornecida pela Universidade Presbiteriana Mackenzie e as câmeras *Canon T3i* e *Nikon D5000*. Além dos aparelhos de microfonia (lapela e boom) e iluminação (monopé).

As gravações ocorreram de julho a outubro de 2013, totalizando cerca de 20 horas de material bruto, além da captação de imagens de apoio fora dos locais das entrevistas, em espaços como o Cemitério da Lapa, o Viaduto do Chá, a Av. Paulista, a Estação da Luz, o Parque do Ibirapuera, entre outros.

Devido à grande quantidade de material bruto e a existência de sete personagens com diversas surpresas e falas excelentes, foram executados três roteiros e edições diferentes até chegar ao produto final.

Para o desenvolvimento da mensagem do documentário, foram escolhidos como principais personagens: o treinador de cavalos, Décio Talon; a jornalista Raquel Stenzel; o escritor Walter Tierno; o relojoeiro Ademar Barbosa; e o operário Domingos Nunes.

Seus depoimentos foram entrosados com os personagens secundários: Juliano Bento, físico; e Adele Maillard, idosa residente em um asilo. As falas de ambos aparecem como intervenções e quebras de temática. Desde o início da peça, tomou-se o máximo de cuidado em trabalhar mensagens semióticas e poéticas que complementassem a narrativa.

6 CONSIDERAÇÕES

O principal desafio desta produção foi tratar de um tema abstrato, que tem ligação direta e inseparável com o cotidiano do homem, de uma maneira sensível e que pudesse gerar reflexão por parte dos leitores e espectadores. A linguagem do videodocumentário, permitiu captar sentimentos, sensações, reações e desabafos de pessoas imersas no ritmo cotidiano.

Ao longo das pesquisas e entrevistas com os personagens, percebeu-se que, apesar do ser humano viver imerso no tempo, em geral não pensa sobre isso, nem sobre seu significado ou sobre sua influência no cotidiano, moldando relações. E tal fato ficou claro, principalmente, quando o grupo pergunta aos personagens “o que é o tempo para você?”.

Dessa forma, concluiu-se que pensar sobre o tempo gera incômodo e aflição, uma vez que os símbolos culturais criados pelo homem – como o trabalho, relógio, calendário, semanas, comemorações, entre outros –, controlam o próprio homem, tornando sua existência racionalizada, o que, por sua vez, o diferencia do instinto natural.

O tempo, como um conceito moldável, é resultado de uma forma de controle para suprimir e superar as condições primárias dos seres humanos. Além disso, os instintos - apesar de controlados pelos moldes sociais - ficam à flor da pele em certos momentos e fazem com que as pessoas queiram sair dessa lógica de controle, por vezes até inconscientemente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAITELLO JÚNIOR, Norval. **A era da iconofagia**. Ensaios de Comunicação e Cultura – São Paulo: Hacker Editores, 2005. 124 pp.

BAITELLO JÚNIOR, Norval. **O animal que parou os relógios: ensaio sobre comunicação, cultura e mídia.** São Paulo: Annablume, 2003.

BOSI, Alfredo. **Considerações sobre Tempo e Informação.** Online: Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo, S/D. Disponível em <www.iea.usp.br/artigos>. Acessado em: 18 de março de 2013.

DALMONTE, Edson Fernando. **Presente: o tempo do jornalismo e seus desdobramentos.** Bahia, 2010. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/his/v29n1/19.pdf>> Acessado em 24 de março de 2013.

ELIAS, Norbert. **Sobre o tempo.** Editado por Michael Schröter; tradução, Vera Ribeiro; revisão técnica, Andréa Daher. — Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

FOUCAULT, Michael. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1986.

FRANCISCATO, Carlos Eduardo. **A atualidade no jornalismo: bases para sua delimitação teórica.** Salvador, 2003. Disponível em <<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/6056/1/Carlos-Eduardo-Franciscato.pdf>> Acessado em 24 de março de 2013.

FRANCISCATO, Carlos Eduardo. **O Jornalismo e a Reformulação da Experiência do Tempo nas Sociedades Ocidentais.** Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Sergipe, 2005. Disponível em <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/147309229542103229423892634820623515117.pdf>> Acessado em 24 de março de 2013.

KARAM, Francisco José Castilhos. **O Presente possível do Jornalismo.** Estudos em Jornalismo e Mídia, Vol.II. 2005. Disponível em <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/2217>> Acessado em 16 de março de 2013.

LEBRUN, Gerard. **O que é o poder?** São Paulo: Braziliense, 1981.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário.** 1 ed. Campinas, SP: Papyrus, 2005.

PELEGRINI, Milton. Comunicação e Impermanência: Por uma Antropologia da Mídia. **CISC 20 anos : comunicação, cultura e mídia** / Diogo Andrade Bornhausen, Jorge Miklos, Mauricio Ribeiro da Silva, organizadores. São José do Rio Preto: Bluecom Comunicação, 2012.

PRIPAS, Sergio. O ser sem tempo, In: **Cronos Ensandecido: sobre a agitação do mundo contemporâneo**. São Carlos: EdUFSCar, 2009.

RAMOS, Fernão Pessoa. **Mas afinal... O que é mesmo documentário?**. São Paulo: Editora Senac, 2008.

RIFKIN, Jeremy. **A era do acesso**. São Paulo: Makron Books, 2004.

ROMANO Vicente. **Ordem cultural e ordem natural do tempo**. Biblioteca do Centro Interdisciplinar de Semiótica da Cultura e da Mídia, 2002. Disponível em <<http://www.cisc.org.br/portal/en/biblioteca/finish/18-romano-vice/55-ordem-cultural-e-ordem-natural-do-tempo.html>> Acessado em 24 de março de 2013.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: espaço e tempo: razão e emoção**. São Paulo: Hicitec, 1999.

SANTOS, Milton. **O País distorcido: o Brasil, a globalização e a cidadania**. São Paulo: Publifolha, 2002.

SCHÖPKE, Regina (Org.) ; BALADI, Mauro (Org.) . **A gênese da ideia de tempo e outros escritos**. São Paulo: Martins/Martins Fontes, 2010.

SEVCENKO, Nicolau. **A corrida para o século XXI: no loop da montanha-russa** / Nicolau Sevcenko; coordenação Laura de Mello e Souza, Lilia Moritz Schwarcz. – São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SILVA, Juremir Machado da. **O resto do tempo** . Porto Alegre, Revista FAMECOS, 1999. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/3029/2307>> Acesso em 24 de março de 2013.

SILVA, Priscila Azeredo da. **Ser viajante: do consumo do tempo aos modos de consumo da experiência**, 2011. Online: Universidade Federal Fluminense, Instituto de

Arte e Comunicação Social. Disponível em <http://www.bdtd.ndc.uff.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=5089?> Acessado em 18 de março de 2013.

SODRÉ, Muniz. **A narração do fato: notas para uma teoria do acontecimento**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

WINSTON, Brian. A maldição do 'jornalístico' na era digital. In: MOURÃO, Maria Dora e LABAKI, Amir. **O cinema do real**. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

ZANDONADE, Vanessa; FAGUNDES, Maria Cristina de Jesus. **O vídeo documentário como instrumento de mobilização social**. 2003. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/zandonade-vanessa-video-documentario.pdf>>. Acessado em 29 outubro 2012.

Videografia

A PESSOA É PARA O QUE NASCE. Direção de Roberto Berliner. 84 minutos. Brasil: Europa Filmes, 2002.

JANELA DA ALMA. Direção de João Jardim e Walter Carvalho. 73 minutos. Brasil: Europa Filmes, 2001. Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=56Lsyci_gwg>.

JOGO DE CENA. Direção de Eduardo Coutinho. 105 minutos. Brasil: Videofilmes, 2007.

O PREÇO DO AMANHÃ. Direção de Andrew Niccol. 112 minutos. Estados Unidos: Fox Film, 2011.

QUEM SE IMPORTA. Direção de Mara Mourão. 93 minutos. Brasil: Imovision, 2012.

SANTIAGO. Direção de João Moreira Salles. Brasil, 2007.

Webgrafia

LOPES, Mariana Ferreira. **Jornalismo Literário cinematográfico: uma leitura de “Ônibus 174”**. Academia Brasileira de Jornalismo Literário, São Paulo, 2007. Disponível em <<http://www.abjl.org.br/detalhe.php?conteudo=f120070507194021&category=ensaios&lang>> Acessado em 23 de setembro de 2012.